

## O ÊXTASE NO MOÇAMBIQUE DE TONHO E LENA

Carlos Silva<sup>1</sup>, Diana Landim<sup>2</sup>, Marcelo Feijó<sup>3</sup>, Sebastião Rios<sup>4</sup>, Talita Viana<sup>5</sup>

### Abertura

O ensaio O êxtase no Moçambique de Tonho e Lena revisita a coletânea de imagens produzida durante a realização do projeto “Memórias e Cantos do Moçambique do Tonho Pretinho”, guiado pelo olhar que foca e faz saltar a presença feminina na guarda, na festa e no cosmos<sup>6</sup>. À primeira vista uma manifestação majoritariamente masculina que, olhada com profundidade, revela uma presença, força e simbologia feminina que estrutura os rituais, orienta os saberes e práticas, e só assim torna possível a realização da festa.

---

<sup>1</sup> Vínculo institucional: Mestre em Artes pela UnB; curador independente. E-mail: carlosilvalin@gmail.com

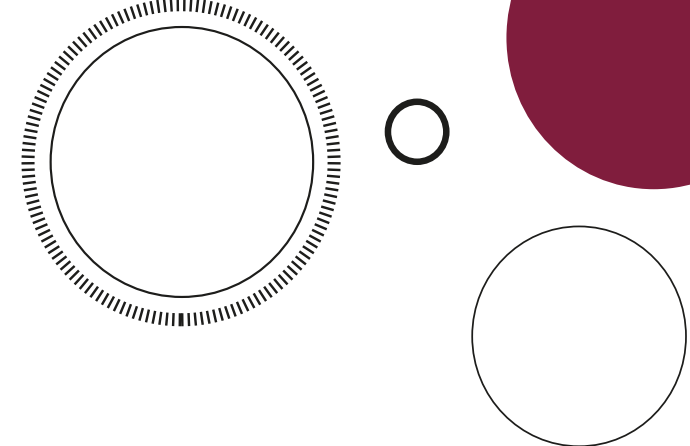
<sup>2</sup> Vínculo institucional: Empresa Brasil de Comunicação. E-mail: dianaplandim@gmail.com

<sup>3</sup> Vínculo institucional: Faculdade de Comunicação UnB. E-mail: mfeijo@unb.br

<sup>4</sup> Vínculo institucional: Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás. E-mail: sebastiaorios@ufg.br - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8462-3744>

<sup>5</sup> Vínculo institucional: Doutora em Antropologia Social pela UnB; graduanda em Artes Visuais pela UFG. E-mail: talitaviana@gmail.com

<sup>6</sup> Entre os anos de 2014 e 2017 realizamos o projeto “Memórias e Cantos do Moçambique do Tonho Pretinho” no âmbito do “Edital de Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial relacionado à música, canto e dança de comunidades afrodescendentes na América Latina”. O edital, proposto pelo Centro Regional para a Salvaguarda do Patrimônio Imaterial da América Latina – CRESPIAL /UNESCO, envolveu treze países latino-americanos e, no Brasil, foi realizado por meio do IPHAN – Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.





Marcelo Feijó, 2014

*Sobre a participação das mulheres: uma coisa que me surpreendeu quando cheguei pra documentar o Moçambique: pensava que era muito masculino, mas constatei que não. Ao contrário: era muito feminino. Tinha uma base muito feminina que pareceu (aos meus olhos) muito incorporada e em busca do equilíbrio. Aquela coisa do yin e yang. Nessa relação parece que o congado se assenta. Marcelo Feijó*

O ensaio surge no encontro desse olhar – dos fotógrafos e pesquisadores – com o acervo imagético produzido naqueles idos; encontro permeado, ainda, pelas memórias, sensações, afetos e efeitos produzidos no contato com as integrantes do Moçambique, com as entidades, com as forças circundantes. Um pouco desse encontro aparece em depoimentos entremeados à narrativa visual.



*Tonho Pretinho, Dona Lena e a Amargosa.*  
Marcelo Feijó, 2014



*Dona Lena. Marcelo Feijó, 2014.*

### **O Moçambique de Tonho e Lena**

O Moçambique do Tonho Pretinho, como é conhecido o terno de moçambique da Boa Viagem, bairro rural de Itapecerica – MG, é o Moçambique de Tonho Pretinho e Dona Lena. Eles estão, juntos, há mais de 40 anos à frente da guarda: desde que a assumiram, em 1976, Tonho e Lena eram casados e desenvolvidos espiritualmente.

Este processo de assumir a guarda – e todas as implicações de ordem prática e espiritual – era parte de um desígnio, de uma missão, que eles receberam. O próprio encontro do jovem Antônio e da jovem Irene era parte de um plano maior que suas existências individuais. É assim que eles narram a sua história.

Embora Tonho Pretinho seja o primeiro capitão e o responsável por conduzir o terno nas etapas rituais – estabelecendo também a comunicação com a ordem das forças circundantes – sem Dona Lena e suas responsabilidades, a guarda não tem condições de *sair para a rua*.

Tonho e Lena – assim como Deco, segundo capitão da guarda – desenvolveram sua espiritualidade no Centro da Vó Dondoca. Embora ela nunca tenha feito parte deste Moçambique, a espiritualidade da guarda é herdeira também das forças de Vó Dondoca. E sua presença, em espírito e força, é constante nos rituais do Moçambique e nos trabalhos no injó<sup>1</sup>.

Uma senhora alta, forte, *antiga*. Gostava de usar *um saião* – assim a descreveu Dona Lena. Seus filhos e sobrinhos, continuou ela, geralmente eram festeiros nos reinados e o Moçambique ia lá buscá-los. Então lá vinha ela, na frente da guarda, dançando alegremente com os moçambiqueiros atrás. Vó Dondoca via as coisas na vela, no fogo. Sem sequer precisar *olhar para a cara da pessoa* – continuou Dona Lena. Foi ela, inclusive, que falou a Lena e Tonho que eles deveriam ter o gonjó deles – *que não podia ser no quarto, por conta do peso* – e fazer as *caridades* (Viana, 2018).

<sup>1</sup> O injó é a casa, a sede espiritual do Moçambique, onde se encontra o altar com as imagens dos santos e dos guias protetores.



*Injó.* Marcelo Feijó, 2014

Vó Dondoca comparece com frequência na festa do Reinado, *para alertar Lena e Tonho sobre situações que requerem mais atenção ou dar bronca nos capitães ou dançadores caso seja necessário*. Em um fechamento de terno na casa de Dona Lena e Tonho Pretinho, em um bonito momento, o capitão entoou os seguintes versos, direcionados à Vó Dondoca: *Chefe de terreiro, ai de mim o que será / pra parar a minha gunga a licença vai me dar*.

*Vó Dondoca também está presente cada vez que Dona Lena, no dia 24 de junho, levanta a bandeira de São João. Essa foi uma obrigação herdada e, mesmo que não seja possível realizar uma festa, Dona Lena sempre honra o compromisso de levantar a bandeira e soltar fogos.*

*Vó Dondoca e sua força constituem a ancestralidade de Tonho, Lena e Deco; do gonjó; do Moçambique.*

A ancestralidade feminina é igualmente forte nos vários núcleos familiares que constituem o Moçambique e comunidade. Fia, Tia Lita, Catarina são dançadoras que faleceram e agora acompanham a guarda a partir de outra forma de habitar o cosmos.



Ana Elisa e Dona Nenzinha. Diana Landim, 2014

A força e a ancestralidade feminina perpassam todos os espaços-tempo deste universo. Das dançadoras, das pretas-velhas, das pombagiras, das caboclas, da Nossa Senhora do Rosário, da Sereia, da mãe Iemanjá. Da casa, do cuidar, do curar, do abençoar.

A imagem acima, da Amargosa nas mãos de Tonho Pretinho, revela essa complexidade. “Dentro” da garrafa – refletida – está a casa de Dona Lena e Tonho Pretinho, o terreiro onde o grupo faz seus rituais de fechamento de terno, o varal com as fardas a secar. Fardas que são cuidadosamente lavadas e guardadas por Dona Lena.

A casa é também a morada do injó. Onde estão assentadas as forças deste Moçambique – e as forças da ancestralidade que o constitui. A casa é feminina. Assim como é a Amargosa, cachaça preparada com os *conjuntos*. A casa e a Amargosa são esteios, proteção. Corpo fechado e instrumento para fechar o corpo.

Dona Lena é a chefe deste terreiro.



*O olhar feminino no Congado é aquele que recebe o estrangeiro com desconfiança, mas o que aos poucos o acolhe como família. Juntas, muitas vezes elas parecem dar a unidade do grupo. Em união, as mulheres se aproximam para fortalecer o coro dos cânticos; para marcar os passos das danças. A força do olhar, da intensidade dos gestos. Com o bastão na mão, elas se reúnem repetidas vezes. E, com o abaixar das cabeças é dado o sinal de que toda aquela energia ganha corpo e ritmo a partir delas, nelas. Diana Landim*



*Lampejos de fé.* Diana Landim, 2016

*Feito labareda incorporada,  
a brincante dança  
e executa uma evolução  
enquanto gira e incendeia a festa.  
As fagulhas se despregam  
do bailado e iluminam  
o ao redor.  
Faz-se uma luz na celebração.  
A claridade evidencia,  
com precisão,  
o contorno forte do fogo vivo  
da festa.*

Carlos Silva



*Casa.* Diana Landim, 2015.

Dona Divina – Mãe Santana – Dona Esmeraldina – Maria Risadinha – Vó Serafina – Cilene – Cabocla Jurema – Camila – Mãe Maria – Dona Nenzinha – Fia – Rosa Mística – Ana Elisa – Senhora do Rosário – Fernanda – Sereia – Dona Lena – Vó Dondoca – Dona Lia – Iemanjá – Edna – Tia Lita – Lourdinha – Maria Conga – Talita – Viviane – Vovó Catarina – Joana Darc – Senhora Aparecida – Maria Dutra – Vó Maria – Vitória – Mãe Joana

*Eu não penso em nada. Eu esqueço tudo, os meus problemas. Deixo tudo pra trás e eu só rodo, fico dançando. É uma coisa que não tem jeito nem de explicar. Ana Elisa*



*Ana Elisa.* Diana Landim, 2016



*Dona Esmeraldina. Diana Landim, 2014*

*Ah, eu sinto muita emoção, o terno me dá vontade de dançar demais... (...) Minha vontade, quanto mais eu danço, mais vontade, eu quero, mais vontade, eu fico... Acho que Deus me dá uma força de dançar demais, eu fico assim. (...) Eu sinto uma energia muito grande quando eu tô em festa. Dona Divina*



*Dona Divina. Marcelo Feijó, 2014*

Camila – Mãe Maria – Dona Nenzinha – Fia – Rosa Mística – Ana Elisa – Senhora do Rosário –  
Fernanda – Sereia – Dona Lena – Vó Dondoca – Dona Lia – Iemanjá – Edna – Tia Lita – Lourdi-  
nha – Maria Conga – Talita – Cabocla Jurema – Viviane – Vovó Catarina – Joana Darc – Senhora  
Aparecida – Maria Dutra – Vó Maria – Vitória – Mãe Joana – Dona Divina – Mãe Santana – Dona  
Esmeraldina – Maria Risadinha – Vó Serafina



*Gira.* Diana Landim, 2014

*A brincante, na festa, manifesta-se na conjunção de uma quantidade incontrolada de estímulos do mundo. Ela fecha os olhos e canta, dança, toca, celebra o mundo numa vivência utópica estabelecida por uma simbiose temporária com a linguagem que suspende o tempo cronológico e dá lugar ao tempo mítico. A brincante incorpora e atualiza o mito no decorrer da festa. Carlos Silva*

*Eu não falo dançar não. Eu trabalho pra ela [pra Nossa Senhora] de ano em ano, com fé e com gosto, alegria. E acho muito bom. Quando às vezes tá terminando eu sinto aquela tristeza, mas passa. Depois vem mais.*

Dona Nenzinha

*É na beira do mar, na beira do mar. É na beira do mar que Nossa Senhora mandou me chamar*

Canto do Moçambique

*Encontrei uma sereia. A Senhora do Rosário. Ela me ensinava sobre a força das águas. Sobre a força da mãe que acolhe e protege.*

Fortaleza!

*Que livra dos males. Que cura. Apazigua.*

Companhia.

Talita



Vitor e a guia. Marcelo Feijó, 2014

*Porque talvez o sujeito tá numa hora de amargura aí. Alguma dor, um sofrimento da família, alguma coisa embarrancada. Talvez tá enrolado, tá na escuridão. Aqueles que acreditam e aqueles que têm fé pedem a Nossa Senhora pra iluminar o caminho deles, retirar aquela dor. Então, Nossa Senhora vai com o rosário dela no corpo daquela pessoa e retira aqueles mal. E tem a Nossa Senhora do Mar. É a sereia e a nossa mãe Iemanjá. Então ela pega no seu rosário aqueles males e vai pra cachoeira e, da cachoeira, aqueles males vão de tombo a tombo. Vão até parar na mão de nossa mãe Iemanjá, a rainha do mar. E leva até o fundo do mar, onde tá aquela areia, aquela areia grossa. E aquele mal fica depositado ali. Então aquele mal já não sai mais. Tonho Pretinho*



Edna. Marcelo Feijó, 2014

Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Mar, Sereia e Nossa Mãe Iemanjá. As quatro, juntas, retiram os males e os levam para o fundo do mar? Ou as quatro juntas são apenas uma e a mesma força, entidade, santidade ou divindade? Independente da resposta que se tente dar, resta claro a centralidade da força feminina que torna possível que um orixá nagô, Iemanjá, originalmente força da água doce, se transforme, no Brasil, em orixá das águas do mar por possível influência da Quianda, ou Sereia, entidade feminina das águas atlânticas de Angola, que tem sua correspondente, Nzuzu, em Moçambique, no Índico. É também a força feminina que permite, pelo arquétipo da Mãe, a associação de ambas à Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora do Mar – que traz à lembrança ainda Nossa Senhora Estrela do Mar, padroeira dos Países Baixos e dos marinheiros – nessa nova cosmologia inaugurada com a diáspora africana na América.

Nas cosmologias centro-africanas, a comunicação do plano divino espiritual com o plano horizontal, da materialidade e do físico, é realizada por pessoas dotadas de um dom especial, os feiticeiros – termo usado aqui num sentido equivalente a sacerdote. A essas pessoas capazes de estabelecer a comunicação com o plano do sagrado, das entidades e divindades, dos ancestrais e, após a conversão, também dos santos cabe a tarefa de atrair espíritos benéficos e esconjurar espíritos maléficos. Boa parte da simbologia dos congados reside aí, remetendo a um sistema cultural em que os reis acumulavam funções que eram tipicamente do feiticeiro. E por isso as insígnias da realeza são tão louvadas nos congados. Levar uma coroa, levar um cetro, representa o poder de origem religiosa de restabelecer a ordem no mundo político, social e econômico, gerando abundância e harmonia (Rios, 2014; Viana e Rios, 2016).

*Carregar a coroa dela [de Nossa Senhora] é uma coisa muito importante pra todos nós. É uma bênção de Deus que dá aquela coroa pra gente carregar, uma coisa muito especial, é o significado da festa a coroa, mas muita gente não sabe o que é o significado da coroa, que é uma bênção de Nossa Senhora, um objeto que ela exigiu (...) Eu acho que tinha que carregar com muito respeito e com muita tradição, porque o reinado é uma brincadeira, mas é uma brincadeira muito séria. É uma coisa que a pessoa tinha que imaginar que é uma peça preciosa, você carregar ela aqui, você tá ganhando uma graça, você tá recebendo uma graça. **Dona Lena***





*Como se diz [risos], o Moçambique é o terno dos pretos. E como eu gosto de trabalhar com os pretos... Eles mesmos que me levaram pra lá. São os pretos-velhos, donos de todas as congadas. O Moçambique, os pretos velhos dançavam nele. Eles que começaram o batuque do reinado. E os pretos velhos são eles que ajudam, que protegem as guardas. Protege das coisas ruins: do olho gordo, do mal olhado, inveja, quebrante e mais outras coisinhas. Ai é pedir mesmo a proteção. E eles não largam... Desde a hora que bateu o apito... Quando eles não estão no meio, estão de lado. Tanto os pretos velhos como os caboclos. Até pra cantar, tem hora que as pessoas acham que somos nós que estamos cantando e não é, tem hora que é um caboclo, tem hora que é um preto velho, tem hora que é uma preta velha que entra também e aí vai. Deco*





*Certos reis e certas rainhas não são bobos, principalmente os antigos, os perpétuos, não tem nenhum bobo. São todos iguais eu mesmo [possuem dom espiritual]. Na hora que você chega ali, você já topa com uma escora deles. E a maioria dos que eu chego na casa deles e vejo, eles todos gostam de cantar mais é o Sabiá:*

*Ô, sabiá, essa gunga me faz chorar; Ô, sabiá, ô le le me faz chorar*

*Em certos reis e rainhas você já topa com mais proteção do mar. Eu também gosto de cantar essa assim:*

*É na beira do mar, na beira do mar, é na beira do mar que nossa senhora mandou me chamar*

*Quando puxa assim você pode saber que tem proteção das águas ali. Deco*



*Dona Marcelina, Rainha Conga do Reinado da Boa Viagem.  
Marcelo Feijó, 2014.*

### Referências Bibliográficas

RIOS, Sebastião. Cultura popular: práticas e representações. Em: Revista Sociedade e Estado, v. 29, n. 3, set. – dez. 2014, p. 791 – 820.

VIANA, Talita. O Moçambique de Tonho e Lena: um eixo na tradição afro-brasileira do Reinado de Nossa Senhora do Rosário. Tese [Doutorado em Antropologia]. Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

VIANA, Talita; RIOS, Sebastião. Na Angola tem. Moçambique do Tonho Pretinho. Fotografias de Marcelo Feijó e Diana Landim. Tubarão: Copiart; Goiânia: Faculdade de Ciências Sociais, 2016.



*Maria Dutra. Marcelo Feijó, 2014*

*Eu falo assim: quem entra nessa festa não arrepende, porque é muito bom. Vale a pena participar porque é muito bom, Nossa Senhora tá sempre junto com a gente, o que a gente pede pra Nossa Senhora, pra São Benedito a gente é atendido. Não arrepende quem entra no terno de Moçambique. Maria Dutra*